

UMA INICIATIVA PASTORAL A SERVIÇO DA PAZ*

****Professor de Cristologia do
ITESP.**

*Paolo Parise***

Resumo:

O a. com um grupo de estudantes relata experiências — festival de música e poesias e passeatas — num bairro periférico da cidade de São Paulo que envolvem predominantemente os jovens e a promoção da consciência da violência e a busca da paz. Uma série de eventos são apresentados e descritas as diversas atividades que permitiram um progresso no envolvimento das pessoas. Algumas considerações são feitas tendo em vista o protagonismo dos jovens, a atuação considerando as diferenças, a consideração das resistências e valores descobertos. O que seja a paz e como ela resulta de uma busca empenhativa conclui a reflexão.

Chaves:

Pastoral da juventude, Pastoral: atividades ecumênicas, Paz: poesias e músicas, Violência.

GÊNESIS DA INICIATIVA

Um dia qualquer na periferia de São Paulo, Grajaú: uma mulher, mãe de dois filhos, na parte da tarde, está chupando uma laranja na frente de casa, não muito longe de uma pequena igreja. De repente, o barulho de tiros em plena rua. Pessoas que correm, outras que procuram amparo, outras ainda que se deitam. Quando o pesadelo termina e tudo parece voltar ao normal, o corpo da mulher sem vida aparece no chão com a mão aberta e ao seu lado a laranja.

Alguns dias depois, num domingo à tarde, que poderia ser igual a muitos outros finais de semana, durante a celebração da

*Este relato nasce da experiência de um professor do Instituto São Paulo de Estudos Superiores, Paolo Parise, que mora na periferia Sul da cidade de São Paulo, e de cinco estudantes escalabrianos que acompanham os jovens da região nesta iniciativa.

palavra às 18:00 horas, na mesma igreja explodem três tiros. As pessoas correm sem direção, gritam sem articular palavras. Na porta, jaz o corpo de um adolescente de 15 anos cheio de sangue.

Antes ao lado e depois dentro da mesma igreja, aconteceram essas cenas de violência. Cenas que infelizmente não são isoladas, mas que se tornam quase rotina na periferia sul da cidade de São Paulo, como em outros pontos das grandes metrópoles brasileiras. Quase lançando um recado à comunidade cristã que não pode se fechar dentro do seu templo olhando para o crucificado, cegos diante dos crucificados de hoje.

A comunidade cristã não ficou esperando por respostas. Logo, um grupo de mulheres começa a se reunir pensando o que fazer. Buscando como prevenir tudo isso. Essa atitude foi a base para o surgimento de um centro de convivência para adolescentes, encabeçado por mulheres, aquelas preocupadas com a vida. Ao mesmo tempo, a pastoral da juventude da região se pergunta também o que fazer. É o começo da experiência que iremos relatar nesse artigo. A esse respeito ressaltamos que *o compromisso cristão para com a paz não se reduz a ações pela paz isoladas; trata-se de cuidar para que o Evangelho se encarne nas culturas, inculture-se, impregnando e fecundando as mentalidades, as relações sociais, os grupos e as instituições, e que a presença viva do Ressuscitado converta e reconduza constantemente seu povo para novas configurações da vida, mais condescendentes com 'os projetos de Deus, e não com os projetos dos homens'* (Mc 8,33).¹

Não será nossa intenção apresentar as características da violência em geral, e mais especificamente na periferia; para isto, existem estudos bastante completos e profundos e síntese das informações são muitas.² Além dos debates entre especialistas, existe o conhecimento obtido pelas ONGs e outros organismos públicos, privados e religiosos, que se dedicam a uma ação contra a violência. O nosso objetivo será aquele de relatar uma resposta que nasceu numa região marcada pela violência e cujos protagonistas foram os jovens. Uma resposta que aos poucos se tornou uma proposta. E a partir dessa caminhada tentar esboçar algumas reflexões teóricas e teológicas.

A INICIATIVA: OS EVENTOS PELA PAZ

1º Evento: *A paz que nasce hoje é a certeza do amanhã* (21 de maio de 2000)

No começo, na tentativa de sensibilizar a respeito do tema da paz e de estimular a criatividade, foi planejado e realizado

1 Cf. L. PEDROSA DE PÁDUA, *Evangelizar uma cultura violenta*. Em *CADERNOS CERIS*, 1 (2001), 1, p. 55.

2 Para aprofundar a problemática da violência, sugerimos a literatura que pode ser encontrada no final deste ensaio.

um concurso de música e poesia pela paz. A iniciativa foi divulgada em mais de 40 escolas da região, além de igrejas, projetos sociais e entidades filantrópicas.

Um mês antes do evento na região apareceram progressivamente dezenas de faixas com frases de paz. Simplesmente frases. Sem outras dicas. E isso despertou a atenção dos habitantes do Grajaú, que procuravam o sentido ou os autores disso. No começo apareceu *Dê uma chance à paz*. Na semana seguinte deixou lugar para *O que você faz pela paz?*. E depois: *Paz: o nosso futuro depende dela*. E ainda *Quando o dia da paz renascer...* Enfim, uma semana antes do evento aparecia a última frase, a esclarecedora, que era também o lema da iniciativa: *A paz que nasce hoje é a certeza de amanhã*. Desta vez a dica estava logo abaixo, aquela dica que todos procuravam *Esperamos você dia 21 de maio!*. Ao mesmo tempo, a região se enchia de cartazes divulgando o evento. Não só, mas também nas camisetas começavam a aparecerem estampados o lema e o desenho do evento. Ao todo 1500 camisetas.

No dia 21 de maio de 2000, numa praça na região da Paróquia Nossa Senhora dos Migrantes realizou-se o primeiro evento contra a violência, com o lema anunciado *A paz que nasce hoje é a certeza do amanhã*. Participaram aproximadamente 4000 pessoas. De lugares diferentes saíram duas caminhadas que passando pelas ruas de bairros marcados pela violência desembocaram na praça do evento. Na praça, deram o testemunho duas pessoas que sentiram na própria pele as consequências da violência. Uma senhora relatou a morte de uma irmã que nem tinha 16 anos. Uma jovem contou o assassinato do namorado. Depois dos testemunhos, aconteceu um momento ecumênico de oração. Os representantes das diferentes Igrejas liam, a partir de jornais, o título de um fato de violência da última semana. Na mesma hora em que se ouvia um trovão, duas pessoas encapuzadas e com roupas pretas enfiavam uma faca num coração gigante situado sobre o palco.

As mensagens buscavam partir do geral para o particular: fatos do mundo, América Latina, Brasil, São Paulo e enfim Grajaú. Depois, uma criança por vez chegava vestida de branco, com uma rosa na mão, entregava-a aos representantes das Igrejas que, dando uma mensagem de paz, retiravam a faca do coração e a substituíam por uma rosa. O evento se encerrou com cantos de paz.

Não podendo apresentar por questões de espaço, as produções musicais e poéticas, nos limitamos a citar um trecho da composição que ganhou o festival de poesia pela paz desse primeiro evento:³

3 Veja-se o arquivo de todas as produções acumuladas nos três festivais de música e poesia pela paz que está na secretaria da Paróquia Nossa Senhora dos Migrantes. Estrada Canal do Cocaia, 1481, 04849-030, Parque Residencial Cocaia, São Paulo — SP. Telefone (0xx11) 5528 0246, 5528 1242.

*Eis-me Senhor aos teus pés
Clamando pela vida
Por um pouco de justiça
Pela esperança quase esquecida*

*Escuta o Pai
O grito do teu povo
Que chora suas perdas
E aqui também se ajoelha
Pedindo um pouco de paz*

*Talvez para nós, Senhor,
Seja tarde demais, mas
Olhai pelos nossos pais
Por nossas inocentes crianças
Que não tem culpa de nada*

*Maldita violência que destrói famílias
Que desmancha sonhos
Que machuca, que fere, que mata
Que fecha tantas portas
E escurece tantos caminhos*

*E o que fazemos, Senhor?
E o que eu faço por tudo isso?
Perdoai-me Senhor, mas sou fraco
E o meu medo é ainda maior que minha fé*

*Se na rapidez que corre a cidade
Eu me fiz de cego
Para não ver tantas crianças que cheiravam cola
Perdoai-me, Senhor! (...) ⁴*

4 Ivan BARBOSA, *Oração pela paz*, 2000.

2º Evento: *A paz leva à vida — A vida leva à paz* (20 de maio de 2001)

Um ano depois, após ter constatado que infelizmente a violência na região Grajaú não desaparecera, pensou-se em continuar a propor o tema da paz, usando a experiência do ano anterior e nova criatividade. O novo lema foi *A paz leva à vida — A vida leva à paz*. Claro que não se tinha a ilusão de resolver o problema da violência, porém, o objetivo era o de juntar todas as forças para ajudar as pessoas a não se acostumarem com o que estava acontecendo ao redor. Além disso, se quis conquistar as ruas como espaço público, e não lugar de medo e de insegurança!

Aumentou a consciência e várias paróquias do setor assumiram a iniciativa em favor da paz. Algumas Igrejas Evangélicas aderiram ao evento. As escolas alcançadas para o concurso

de música e poesia foram aproximadamente 140! Mais uma vez, entidades e associações se reuniram ao redor da paz.

O gesto planejado foi aquele de colocar na avenida principal, quase única estrada de acesso à região, mais de 600 jovens vestindo camisetas brancas e com cruzeiros brancos nas mãos. Ficaram parados em silêncio por quase uma hora. No final, todos se encaminharam rumo a uma praça da região para a concentração. As músicas e poesias vencedoras do concurso foram premiadas e se apresentaram sobre o palco. Houve um momento de silêncio quando os participantes levantaram suas cruzeiros lembrando as centenas de mortes causadas anualmente pela violência. O momento ecumênico de oração pela paz contou com a participação de representantes de diferentes Igrejas cristãs, além de um índio, pertencente a uma das poucas tribos existentes em São Paulo, a aldeia Crukutu.⁵

5 A aldeia guarani Crukutu é uma das duas situadas na zona Sul de São Paulo, na localidade Barragem, depois da estrada que de Parelheiros leva para Colônia.

Na praça as camisetas do ano anterior se misturavam com aquelas novas do segundo evento, caracterizadas por lema e desenho diferentes. Do segundo festival de música e poesia lembra-mos um trecho da primeira classificada na modalidade poesia:

*(...) A paz que eu quero é doce
Como doce é o sono sobre a brisa
Tranquilo, morno
Como se fosse
Um carinho que embala
E se precisa
Na hora da dor*

*A paz que eu quero
Que ele, eles, nós, vós
Todos deveríamos querer
Fala baixo, como a voz
Das águas de um riacho*

*Escorrendo pelas frestas do sol
Mergulhando nos braços da cascata
Matando a sede
Provocada pela turbulência (...)⁶*

6 Juliana CORNIELLI, *A paz que eu quero*, 2001.

3º Evento: Não há caminho para a paz. A paz é o caminho (25 de maio de 2002)

O lema *A paz leva à vida — A vida leva à paz* deixa lugar para *Não há caminho para a paz. A paz é o caminho*. A inspiração desta última está ligada às palavras do grande profeta indiano da paz: Gandhi. Esta vez o concurso de música e poesia consegue uma divulgação ainda maior e o número de produções artísticas praticamente chega a triplicar em relação aos

anos anteriores. As próprias Delegacias de Ensino da Prefeitura e do Estado aderem à iniciativa e os correios ajudam na divulgação. No Domingo anterior ao evento é realizado um verdadeiro festival pela paz num circo escola, que dura o dia inteiro. No palco se alternam músicas a poesias, enquanto os jurados assistem e avaliam as apresentações.

Assim os Festivais da Paz do Grajaú aos poucos se tornaram uma verdadeira tradição. Não se apresentam como atos isolados, mas etapas de uma caminhada que junta jovens de diferenças religiosas, políticas, culturais e econômicas. Todos unidos em nome da paz e com a certeza que as diferenças podem ser motivo de encontro, de riqueza e não de conflito e medo. Nos três festivais realizados, muita riqueza acumulou-se: músicas e poesias que retratam a realidade, esboçam sonhos e esperanças.

Na manhã do dia do evento, a avenida amanhece com os jovens segurando uma flor branca. A cruz branca do ano anterior é substituída por uma flor. Ao mesmo tempo, grupos de jovens distribuem aproximadamente 10.000 flores às pessoas que passam. Em cada flor está amarrado um pequeno pergaminho com o lema do evento inspirado a Gandhi. O momento ecumênico é marcado pela presença de representantes das Igrejas Católica, Batista, Presbiteriana, Messiânica e por um índio da aldeia Crukutu.

Do terceiro Festival lembramos esse trecho da melhor poesia:

Deus! Meu Deus! Onde Estás

No momento em que imploramos o caminho da paz!

Pelas ruas que vi de sangue marcadas

Hoje vejo vazias, completamente caladas

Talvez por medo ou insegurança

Ou por ódio da falta de esperança...

E na minha procura do caminho

Que ainda não encontrei solução

Acabo me sentindo sozinho

Vendo lágrimas que corriam dos irmãos

Chorando ao ver mais uma vida perdida

Mais uma bala bandida

Que com mais um sonho roubou...

Que alternativa restou?(...)?

7 Rodrigo CARNIELLI, *A Procura*, 2002.

4º Evento: *A paz que o mundo precisa está dentro de você* (18 e 24 de maio de 2003)

Enquanto está sendo escrito este artigo, um novo evento está nascendo. Novas camisetas estão sendo confeccionadas.

Um novo festival está recolhendo as inscrições. A novidade será a distribuição de jovens à noite ao longo da avenida de sempre, com velas nas mãos. O convite estará estendido aos comerciantes e moradores da região.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Após esses anos nesse tipo de caminhada em favor da paz, podemos tentar levantar algumas reflexões sobre o que foi vivido. Dessa forma, a vida se faz reflexão para poder voltar a se transformar em vida. Ao mesmo tempo, outras realidades semelhantes marcadas pela violência podem se confrontar com essa nossa atuação e reflexão. Não temos a pretensão de esgotar o assunto, nem aquela de nos colocar como modelo a ser repetido ou seguido. Cada realidade vive algo de único, mas ao mesmo tempo de semelhante. Além de tudo, não podemos ser ingênuos, pois é necessário ir às raízes dos problemas. Nessa reflexão o objetivo não é fazer uma análise das causas, quanto refletir a partir de uma experiência concreta, contextualizada no espaço e no tempo.

Protagonismo dos jovens

Não há dúvida que o que está marcando essa iniciativa é o protagonismo dos jovens. Não só foram eles que fizeram o primeiro passo, que tentaram dar uma resposta diante de um contexto tão problemático, mas também usaram de toda a criatividade e garra que marca essa etapa da vida. Só para lembrar alguns momentos deste protagonismo: a escolha do lema da paz, a elaboração do desenho, a criação das camisetas e dos cartazes, a documentação necessária para os diferentes ofícios, a inteira programação, a divulgação na região e a arrecadação de fundos para financiar a iniciativa. Sem falar das reuniões quase semanais da equipe central e das subcomissões para levar pra frente a iniciativa.

União a partir das diferenças.

O que nos distingue como indivíduos ou grupos muitas vezes é motivo de conflito. São as diferenças de caráter, de personalidade, de raça, de escolaridade, de nível econômico, de nível cultural, de pertença partidária, religiosa, de gostos musicais, torcidas, ou local de moradia... A experiências desse anos apontam para a possibilidade de ver nas diferenças não um possível conflito, mas um potencial de riquezas que enriquece a vida de todos. Diante da possibilidade do conflito ou da

negação das diferenças, aparece a possibilidade de assumí-las e torná-las ponto de encontro. Não se trata de ter uma visão ingênua e simplista. Trata-se de ir contra uma verdadeira tradição a que fomos acostumados e que tenta a união, o encontro, apesar das diferenças e não a partir das diferenças. Estamos diante de um novo paradigma. Este paradigma está por detrás do evento. De fato, seja em termos de equipe organizadora que de participantes, consegue juntar as diferentes perspectivas que foram mencionadas anteriormente.

Atuação ecumênica

A iniciativa pela paz no Grajaú nasceu a partir dos fatos descritos no começo desse texto, no mesmo ano em que a Campanha da Fraternidade foi realizada ecumenicamente. O tema tinha sido *Dignidade humana e paz* e foi promovida e coordenada pelo próprio Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC). Infelizmente, às vezes a ação da Campanha da Fraternidade corre o perigo de se transformar numa moda que passa. Indiretamente, a iniciativa pela paz no Grajaú deu continuidade a esse esforço ecumênico. Lembramos que a Organização das Nações Unidas para Educação, as Ciências e a Cultura (UNESCO) lançou a iniciativa no começo do novo milênio da *Década Internacional de uma cultura de Paz e Não-violência para as crianças do Mundo*. O Conselho Mundial de Igrejas (CMI) na sua 8ª Assembléia Geral em Harare, África, quis integrar a iniciativa anterior convidando as igrejas em nível mundial a realizar uma *Década para superar a violência*. O Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC) e a Secretaria Regional Brasil do Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI) assumiram esta campanha mundial em nível brasileiro, dando assim continuidade à Campanha da Fraternidade de 2000. Desta forma, a nossa iniciativa se insere num esforço nacional, continental e mundial de superação da violência. O que nos une na região Grajaú é a certeza que as diferentes Igrejas cristãs não podem gastar suas energias em críticas recíprocas, mas devem se dar as mãos para promover a vida. A vida é sagrada, é dom de Deus e o Evangelho nos lembra que ser seguidor de Jesus Cristo não é simplesmente questão de liturgias, às vezes desencarnadas e alienadas, mas ações voltadas a promover a vida, e de maneira especial a dos mais fracos.

Superação do individualismo

Se algumas décadas atrás era relativamente fácil manifestar e até protestar nas ruas, o mesmo não acontece hoje em dia. A

conjuntura atual está marcada por um forte individualismo, até das associações e movimentos. Em muitos há um descuido pelo espaço público. As relações são marcadas pela eficiência, funcionalidade. O pouco tempo que sobra é usado para repor as forças depois do desgaste semanal provocado pelo trabalho e transporte coletivo. Nesse quadro, tentar despertar o sonho, reconquistar as ruas diante do império do tráfego não é tarefa fácil. Os participantes se transformam num símbolo de resistência. E quem já está levando para frente uma ação de tipo preventivo seja individualmente que pertencendo a organizações descobre de não estar só, mas junto a muitos outros e isso anima.

Grito de esperança.

Diz um ditado popular que *faz mais barulho uma árvore que cai que uma inteira floresta que cresce*. Sob a banalização e, às vezes até, instrumentalização da mídia, os fatos de violência geram um clima generalizado de medo e de pessimismo. A iniciativa está sendo uma oportunidade para fazer ver o outro lado da moeda, para fazer enxergar a *floresta que está crescendo*.

Continuidade e perseverança

As inúmeras iniciativas pela paz que ocorrem em tempos e lugares diferentes, correm o risco de se tornarem atos isolados ou de se fragmentar num modismo generalizado pela paz. Não foi esta a nossa ótica, mas pelo contrário a intenção de dar continuidade à tentativa de difundir uma cultura da paz. Esta continuidade pode ser vista seja nos símbolos dos eventos, seja no tipo de proposta. Em nível de símbolos os desenhos conservam sempre os mesmos elementos: uma criança, a bandeira do Brasil e uma pomba. As mudanças se verificam na associação dos três elementos. No primeiro (*a paz que nasce hoje é a certeza de amanhã*), a criança sentada sobre a bandeira do Brasil estende a mão na direção da pomba que vai ao seu encontro. No segundo (*A paz leva à vida — A vida leva à paz*), a criança é carregada dentro da bandeira pela pomba, de maneira semelhante a uma cegonha. No terceiro (*Não há caminho para a paz. A paz é o caminho*), a criança brincando desce por um escorregador formado por muitas bandeiras de diferentes países, deixando aparecer no topo a pomba que segura este conjunto de bandeiras. Em nível de proposta, a continuidade se caracteriza pela organização levada em frente pelos jovens, na tentativa de não reduzir a violência a simples fatos, mas percebendo a cultura de violência que nos cerca.

De ‘falar sobre a paz’ à ‘viver e testemunhar a paz’

Uma dinâmica que se desenrolou nesses três anos de caminhada pela paz foi também o amadurecimento dos organizadores. No começo, os jovens estavam preocupados somente em como atingir a população em nome da paz, enquanto progressivamente passaram a perceber a importância de viver a paz. Não adianta acrescentar mais uma palavra em nome da paz, se a nossa vida nas suas pequenas expressões revela violência.

Celebrar a paz com aqueles que atuam na prevenção e recuperação

Se no começo a proposta do evento tinha o objetivo de sensibilizar a região e de manifestar a indignação dos jovens a respeito da violência, posteriormente amadureceu uma outra perspectiva. Em primeiro lugar, reunir as entidades, ONGs, centros comunitários, centros de convivência, abrigos e movimentos que atuam em nome da paz na região. Desta forma, apareceu a tendência de unir diferentes forças, pessoas e idéias celebrando o esforço comum.

Momento irradiador

O evento da paz conquistou o seu espaço na região de Grajaú. A Sub-Prefeitura Capela do Socorro propôs e convocou os jovens para uma parceria na organização de outro evento. O CONSEG da região convidou para partilhar sugestões. Muitas escolas ao longo do ano convocaram alguns da equipe, junto com os representantes das diferentes Igrejas para realizar celebrações ecumênicas em nome da paz. Algumas Igrejas Evangélicas solicitaram a presença para rezarem juntos em nome da paz. Associações de bairro, ao longo do ano pediram uma presença. Fomos convocados a participar de mesas redondas organizadas por ONGs. A delegacia de ensino da região pediu a presença nos encontros de professores. O canal 14 da TV a cabo realizou um debate.

Arrecadação de fundos

Uma das dificuldades foi o financiamento dos eventos. De modo especial a decepção foi grande diante das respostas negativas às nossas solicitações enviadas e grandes estabelecimentos comerciais. A justificativa que aparecia nas entrelinhas era que não havia retorno de imagem, sendo uma região periférica. Alguns pequenos comerciantes da região colaboraram. Mas

isso não foi suficiente. Por isso, começou uma campanha de reciclagem de cartuchos de impressora, latinhas e garrafas. Isso solucionou o problema econômico. Não só, mas abriu uma janela a respeito da problemática ecológica. Ainda mais numa área de mananciais, como é Grajaú, situada ao redor da represa Billings que fornece água para grande parte da cidade.

Tentativa de ser uma presença profética

O anúncio em favor da paz não deixou de desmascarar algumas lógicas que parecem prevalecer no imaginário comum. Desmascaramos a associação insuficiente e simplista entre pobreza e criminalidade. Desmascaramos que o combate ao crime não é a única solução para essa problemática, afirmando a necessidade de outras estratégias, como aumentar a comunicação entre ambientes estranhos, criar uma política urbana diversa, criar espaços abertos comuns. Denunciamos que somos espectadores da violência e que agimos violentamente sem percebê-lo. *A violência entendida como criminalidade é facilmente reconhecível como tal. Por outro lado, a sociedade manifesta-se com muito menos veemência e cheia de ambigüidades quando se trata da violência contra grupos que não tem sua cidadania plenamente reconhecida, como 'presos', 'menores', 'sem terra', 'índios', 'mendigos' e 'favelados'. Nesse caso, ela se torna um procedimento natural, quando não necessário.*⁸ Anunciamos que a questão da cidadania é decisiva e que uma sociedade baseada na exclusão permanente de uma parte de seus cidadãos tem ali-cercas democráticas frágeis, ou até mesmo inexistentes.⁹

8 Cf. L. PEDROSA DE PÁDUA, *Evangelizar uma cultura violenta*, op. cit. p. 42.

9 Cf. A. DAMACENA — E. ARNAUD, *Violência no Brasil: representações de um mosaico*. Em *CADERNOS CERIS*, 1 (2001), p. 32.

10 Esta parte é uma adaptação livre do texto da Campanha da Fraternidade *Dignidade humana e paz*. São Paulo, Salesiana, 2000.

MAS AO FINAL O QUE ENTENDEMOS POR PAZ¹⁰?

Concluindo o relato dessa nossa experiência, lembramos o que entendemos por paz, apesar da dificuldade de esboçar uma definição.

Paz: palavra simples, curta, mas com um enorme valor! O ser humano está sempre buscando paz, no entanto, às vezes, não passa de uma palavra vazia na boca de todos. O desafio é o de transformar essas poucas letras em realidade.

Neste nosso mundo guerras catastróficas marcaram o milênio que começou. Vidas humanas são barbaramente eliminadas, pessoas e povos humilhados e torturados, riquezas materiais e culturais destruídas.

Infelizmente, sabemos que diferentes formas de violência atingem também os bairros da região Grajaú, atualmente considerada uma das mais violentas de São Paulo. Sabemos que a paz não é só ausência de guerra. Falta paz sempre que a vida

humana é violentada. E falta paz quando o homem extingue as espécies animais, quando o equilíbrio da natureza é ameaçado, qualquer que seja a forma em que isso aconteça. Não há paz quando há desespero por causa do desemprego, de falta de pão, da saúde maltratada, da miséria, do desabrigo, da juventude drogada, da violência em casa e nas ruas, das crianças sem escola, dos preconceitos. Há falta de paz, ainda, quando não se respeita a si mesmo, ao outro, à natureza, a Deus, rompendo alguma ou algumas das relações essenciais que me constroem positivamente como pessoa e constroem o outro, a sociedade, a natureza.

A paz verdadeira é fruto do amor e da justiça, e ao mesmo tempo em que é dom, é conquista. É um dom oferecido por Deus, e por isso, é diferente da paz que o mundo dá, que, em muitos casos, se firma no domínio do mais forte ou no equilíbrio sempre perigoso das forças em confronto. A paz é o resultado das relações marcadas pela justiça, pela solidariedade e pelo amor. Paz é quando tudo ocorre como deve ser: criança brincando, comendo bem, estudando; os seres humanos sendo respeitados como pessoas, famílias tranqüilas; trabalhador com salário digno, sem temer humilhação, idosos se sentindo acolhidos; cada pessoa servindo à comunidade e por ela sendo respeitada. Poderíamos continuar a lista indefinidamente, com tudo aquilo que o nosso coração pede, pois a paz tem seus ingredientes já escritos por Deus dentro de cada pessoa.

BIBLIOGRAFIA SOBRE VIOLÊNCIA

- ABRAMOVAY M. (Ed.), *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para, políticas públicas*. Brasília, Edições UNESCO, 2002.
- ABRAMOVAY M. — M. GRAÇAS RUA, *Violência nas escolas*. Brasília, Edições UNESCO, 2002.
- ARENDT H., *Sobre a violência*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994.
- BICUDO H., *Violência: raízes sociais e políticas*. Petrópolis, Vozes, 1981.
- CADERNOS CERIS, *Violência, sociedade e cultura*. Rio de Janeiro, Ceris, 2001.
- CONIC, *Relatório sobre a dignidade humana e a paz no Brasil*. São Paulo, Salesiana, 2002.
- FAPERJ, *I Seminário sobre mídia e violência urbana*. Relatos. Rio de Janeiro, FAPERJ, 1994.
- FREITAS C., *Violências e modernidade*. São Paulo, Paulinas, 2002.

- GARCIA CASTRO, M. (Ed.), *Cultivando vida desarmando violências*. Brasília, Edições UNESCO, 2001.
- OLIVEN, R. G., *Violência e cultura no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1982.
- REIS, J. P. V. dos (Ed.), *Governabilidade, sistema político e violência urbana*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994.
- SILVA, L. A. M. da, Violência urbana: representação de uma ordem social. Em RIBEIRO DE QUEIROZ L. C. — O. A. SANTOS JÚNIOR (Eds.), *Globalização, fragmentação e reforma urbana: o futuro das cidades brasileiras na crise*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1994.
- SOARES, L. E., *Criminalidade urbana e violência: o Rio de Janeiro no contexto internacional*. Textos de pesquisa. Rio de Janeiro, ISER, 1993.
- SOREL, G., *Reflexões sobre a violência*. Escritos políticos. Petrópolis, Vozes, 1993.
- WAISELFISZ, J., *Mapa da violência III*. Os jovens do Brasil. Brasília, Edições UNESCO, 2002.